

GT11

ARGUMENTAÇÃO E EXPLICAÇÃO:
MODOS DE CONSTRUÇÃO/CONSTITUIÇÃO DO
CONHECIMENTO

Selma Leitão Santos (Coordenadora) (UFPE – selma_leitão2001@yahoo.com)
Luci Banks-Leite (Coordenadora) (Unicamp – lbanks@uol.com.br)

Cecilia Maria Aldigueri Goulart (UFF – cecilia@ism.com.br)
Clara Maria Melo dos Santos (UFRN – clarasantos@yahoo.com)
Dominique Colinvaux (UFF – dominique@skydome.net)
Maria de Fátima Vilar de Melo (Unicap – vilardemelo@bol.com.br)
Regina Maria de Souza (Unicamp – monobere@unicamp.br)
Sílvia Dinucci Fernandes (Unesp Araraquara – silviafo@fclar.unesp.br)

Doutorandos

Angela Maria Oliveira Santa-Clara (UFPE – astclara@bol.com.br)
Patrícia Pupin Mandrá (Unesp Araraquara – pmandra@unaerp.br)
Rosana Gomes Buchala (Unesp Araraquara – rgbuchala@bol.com.br)
Sylvia de Chiaro Rodrigues (UFPE – sylviachiaro@aol.com)

INTRODUÇÃO

O estudo da argumentação cotidiana ou informal, embora em expansão no plano internacional, apenas recentemente, vem sendo integrado à pesquisa psicológica no Brasil. Essa integração tem sido feita a partir de trabalhos desenvolvidos, em diferentes instituições brasileiras, pelas Coordenadoras e por vários membros do Grupo de Trabalho ora proposto, e a idéia de reunir pesquisadores interessados no tema surge, portanto, como um passo adiante nessa direção. Com esse intuito, propomos a formação de um GT em torno dessa temática, considerando que a reunião da ANPEPP é um *locus* privilegiado para a reunião de pesquisadores de diferentes formações e horizontes.

Estudar a argumentação e a explicação é situar-se num domínio interdisciplinar que envolve, portanto, diferentes áreas e quadros teóricos, e, em vista disso, parece-nos relevante assinalar, no momento, mesmo, de constituição do GT, os referenciais teóricos que ancoram os trabalhos realizados pelos participantes e que os inserem no âmbito da pesquisa psicológica contemporânea. Interessam-nos, particularmente: (1) os estudos de Piaget sobre as explicações, sobretudo causais, e os de Vygotsky sobre a formação de conceitos; (2) a proposta de Grize de estudo de operações que caracterizam a Lógica Natural, em contraposição aos trabalhos clássicos de Piaget sobre o pensamento lógico-matemático; (3) a concepção de gêneros discursivos de Bakhtin, que contribui para o entendimento da argumentação e explicação enquanto gêneros específicos, e sua concepção sobre a natureza dialógica da linguagem e ação humanas; (4) os trabalhos de Ducrot em Semântica Argumentativa, que nos auxiliam a pensar questões relacionadas a sentido/significado, bem como trabalhos sobre a polifonia enunciativa; (5) a abordagem funcionalista desenvolvida por Colier e seus colegas (Poitiers, França), que, a partir dos referenciais descritos, focaliza questões específicas ligadas à produção de escrita argumentativa; (6) as concepções sobre a natureza discursiva de fenômenos psicológicos desenvolvidas no quadro da Psicologia Discursiva (Edwards, Mercer, Potter etc.); e, ainda, (7) os trabalhos do Laboratoire d'Études sur l'Acquisition et Pathologie du Langage chez l'Enfant, criado por Frédéric François na Universidade René Descartes, em Paris, que focalizam o estudo da Explicação. Os trabalhos realizados pelos participantes deste GT se ancoraram em uma ou mais dessas correntes teóricas.

HISTÓRICO DO GRUPO

O ponto de partida para a formação deste Grupo foi a última reunião da ANPEPP (maio.2000), na qual as Coordenadoras e proponentes participaram do GT *Crianças e contextos de desenvolvimento*, num encontro que deu início a um intercâmbio regular de cooperação e participação em trabalhos conjuntos, com diversos desdobramentos:

- Organização da Mesa-Redonda *O estudo da argumentação oral e escrita*: questões atuais, no III Congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia de Desenvolvimento (Rio de Janeiro, jul.2000) da qual participaram três dos membros.
- Encontro de Luci Banks-Leite e Selma Leitão na III Conferência de Pesquisa Sociocultural, realizado na Unicamp (jul.2000), ocasião em que puderam conhecer melhor os respectivos trabalhos.
- Visita de Luci Banks-Leite à UFPE, para participar, como examinadora, da defesa de Dissertação de Mestrado de Sylvia de Chiaro sobre argumentação, realizada sob orientação de Selma Leitão. (Sylvia de Chiaro é, hoje, doutoranda, sob a mesma orientação, e um dos nomes propostos para membro deste GT.) Na mesma oportunidade, a visitante se reuniu, ainda, com orientandas de mestrado e doutorado de Selma Leitão, para discussão de questões relativas ao estudo da argumentação.

Nesses encontros, constatou-se, primeiro, a necessidade de dar prosseguimento aos intercâmbios, com o fim de promover um aprofundamento dos estudos empreendidos e, também, congregar pesquisadores de diferentes instituições e Estados do Brasil que investigam a argumentação em perspectivas diferentes e complementares; e, segundo, a necessidade e o interesse de incorporar, a nossa temática de pesquisa, o estudo da explicação, cujas similaridades e diferenças em relação à argumentação são alvo de controvérsia e de debates teóricos que dominam a literatura da área. Em vista dessas necessidades, o intercâmbio iniciado na reunião da ANPEPP foi ampliado, trazendo-se para o diálogo outros pesquisadores brasileiros — professores e estudantes de pós-graduação — interessados no estudo da argumentação e da explicação, e, dessa ampliação, surgiram os nomes hoje propostos para participar do presente GT.

Os eventos recentes não esgotam, entretanto, a história de cooperação acadêmica entre membros do Grupo, uma vez que vários deles mantêm relações de trabalho e/ou intercâmbio de pesquisas há muitos anos, sob diferentes formas. Assim é que:

- Dominique Colinvaux e Luci Banks-Leite, psicólogas de formação piagetiana básica, têm uma história de participação em simpósios e congressos nacionais: p. ex., XXVII Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia (Ribeirão Preto, 1997), *Caderno de Programa*, p. 21; e internacionais: p. ex., 29.ª Reunião Anual da Jean Piaget Society (México, 1999); e de publicações conjuntas.
- Dominique Colinvaux e Cecília Goulart organizaram uma Sessão Coordenada sobre *Temas bakhtinianos*, na III Conferência de Pesquisa Sociocultural (Unicamp, jul.2000) (cf. *Cadernos de Resumos da Conferência*, p.122-124).
- Selma Leitão e Clara dos Santos realizaram publicação conjunta de capítulo de livro, o que lhes possibilitou participar de uma oficina internacional (Poitiers, França) que reuniu os participantes do livro para discutir suas contribuições. Em conjunto, ainda, as duas têm, sistematicamente, organizado e participado de simpósios sobre argumentação realizados dentro e fora do Brasil.
- Sílvia Fernandes e Luci Banks-Leite foram acolhidas pelo LEAPLE, dirigido por Ch. Hudelot, para estágio pós-doutoral, e participaram do Colóquio Internacional *L'explication: enjeux cognitifs et communicationnels* (Paris, 30.nov.-1.dez.2001).

Tomada em conjunto, essa história de cooperação cria — a nosso ver — condições favoráveis para organizar um GT que, realmente, atenda ao anseio de seus membros por implementar discussões em torno de uma temática de interesse comum.

OBJETIVOS

O principal objetivo deste GT é conhecer e aprofundar a discussão de temas ligados ao estudo da argumentação/explicação em diferentes vertentes teórico-metodológicas e às formas específicas como elas surgem em diferentes ambientes sociais: escola, comunidade científica, meio sindical, conversas cotidianas etc.; de modo mais específico, o objetivo é investigar formas de constituição/construção de conhecimento viabilizadas por esses discursos.

- Identificar pontos de possível convergência e articulação dos diferentes quadros teóricos dos membros do GT.
- Promover a reflexão metodológica e o desenvolvimento de procedimentos de coleta e análise de dados que se fundamentem nos quadros teóricos citados.
- Criar um banco de dados referente ao estudo do tema.
- Produzir trabalhos conjuntos na forma de pesquisa, organização e participação em eventos acadêmicos e; sobretudo, publicações em meios de reconhecida relevância.

Para tanto, durante o primeiro encontro do GT na ANPEPP, em 2002, propõe-se que cada participante apresente seu trabalho, ou o *estado da arte*, relativo a um aspecto de estudo do tema. Após cada apresentação, haverá discussão dos membros da equipe visando apontar problemas, dificuldades e possíveis modos de articulação de seu trabalho com os dos demais participantes. Finalmente, propõe-se que sejam estabelecidas, nessa ocasião, metas de trabalhos a serem cumpridas no intervalo entre o encontro atual e a próxima reunião da ANPEPP.

PRODUÇÃO

- BANKS-LEITE, L.; DE SOUZA, R. M. (2000) 'O (des)encontro entre Itard e Victor: os fundamentos de uma educação especial'. In: BANKS-LEITE, L.; GALVÃO, I. *A educação de um selvagem: as experiências pedagógicas de J. Itard*. São Paulo: Cortez, pp. 57-82.
- CHIARO, S. (2000) 'A emergência da argumentação como recurso mediador na construção de conhecimentos em uma sala de aula de História'. Dissertação de Mestrado, UFPE. Orientadora: Selma Leitão.
- FRANCO, C.; COLINVAUX, D.; KRAPAS-TEIXEIRA, S.; QUEIROZ, G. (1997) A teoria piagetiana e os modelos mentais. In: BANKS-LEITE, L. *Percursos piagetianos*. São Paulo: Cortez, pp. 187-206.
- SANTOS, C. M. M. dos; SANTOS, S. L. (1999) 'Good argument, content, and contextual dimensions'. In: RIJLAARSDAM G.; ESPÉRET, E. (Ed. série); COIRIER, Pierre; ANDRIESSEN, Jerry (Ed. volume). *Studies in writing, v. 5: foundations of argumentative text processing*, pp. 87-111. Amsterdã: Amsterdam University Press.

AValiação

Considerando-se que se trata de um primeiro encontro do GT, a avaliação do Grupo será essencialmente prospectiva. Levar-se-ão em consideração, sobretudo, as possibilidades de organizarmos novos encontros e intercâmbios entre os diferentes membros e articularmos projetos de pesquisa e editoriais sobre a temática em questão, no decorrer do período entre os encontros da ANPEPP.

RESUMOS GT 11

ESCRITA: UM PROCESSO DIALÓGICO-ARGUMENTATIVO DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO (R 11/1)
 Angela Maria Oliveira Santa-Clara e Selma Leitão Santos (Universidade Federal de Pernambuco)

Observa-se, na literatura, um continuado interesse pela investigação da escrita, sobretudo dada sua reconhecida importância como elemento-chave para o progresso escolar dos indivíduos. Entretanto, em grande parte dos estudos realizados, parece haver uma tendência implícita de encarar o ato de escrever como recurso que possibilita ao indivíduo a *explicitação* de idéias estocadas em sua memória. Pouca atenção tem sido dada, até o momento, à *geração de conhecimento* que a escrita possibilitaria. Em tentativas recentes nessa direção, nota-se uma

tendência pelo trabalho na busca do mecanismo responsável pela geração de novas idéias, focalizando-se, prioritariamente, os processos intrapsicológicos tidos como subjacentes à produção da escrita, do que são exemplo abordagens de tradição cognitivista que vêem a constituição de conhecimento na escrita como processo de estabelecimento, no plano intrapsíquico, de novas relações entre conhecimentos anteriores; os aspectos intersicológicos e contextuais, quando considerados, tendem a ser vistos, apenas, como agentes de estimulação e geração de informações necessárias à escrita. Em contraste com essa tendência, o presente trabalho parte do pressuposto de que a produção da escrita carrega consigo um importante potencial de constituição do conhecimento humano, o que significa dizer que, ao produzir escrita, o indivíduo é capaz não só de explicitar como, também, de (re)construir conhecimento. A geração de textos escritos é vista, aqui, como esforço para produção de sentidos, o que dependerá das negociações entre o autor e as muitas vozes com que ele dialoga ao gerar um texto escrito. Fundamental seria, então, considerar a existência de uma argumentatividade inerente ao processo de negociação para a produção de sentido e em que vemos um dos aspectos-chave do caráter construtor/transformador da linguagem. Por conseguinte, é nela que esperamos identificar um potencial de constituição de conhecimento na escrita. (CAPES)

A CONSTRUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS ARGUMENTATIVOS NA ESCOLA: UMA ANÁLISE LONGITUDINAL (R 11/2)

Cecília Maria Aldigueri Goulart (Universidade Federal Fluminense)

O estudo analisa a construção de textos argumentativos escritos por dez crianças de 10 anos: duas na 3.ª série e as demais na 4.ª série do ensino fundamental, tomando como base de análise textos produzidos pelas mesmas crianças, na classe de alfabetização e na 1.ª série, aos 6 e 7 anos, respectivamente. Nesse período, foram observadas muitas dificuldades das crianças em organizar a argumentação dos textos, que se manifestaram na forma de repetições e retificações das informações: as repetições estão ligadas ao aspecto reiterativo dos textos, gerando assimetrias sintáticas e semânticas, mas ambas as operações são observadas como tentativas de controlar melhor o sentido dos textos. O objetivo deste estudo é caracterizar, nos textos das crianças de 10 anos, as mudanças discursivas relacionadas à organização estrutural desse gênero textual e à ampliação do uso de recursos expressivos argumentativos, levando em consideração aspectos da proposta pedagógica das professoras da escola que privilegiam o texto como ponto de partida e de chegada do trabalho didático. A noção de gêneros do discurso de Bakhtin contextualiza a análise realizada: eles organizam os conhecimentos de determinados modos, associados às intenções e aos propósitos dos locutores; para o autor, todas as esferas da atividade humana estão relacionadas à utilização da língua, e essa utilização se organiza em forma de enunciados concretos e únicos, orais e escritos. O enunciado reflete as condições específicas e finalidades de cada uma das esferas por meio de três aspectos: pelo conteúdo temático; pelo estilo verbal, ligado à seleção operada nos recursos da língua; e, sobretudo, pela construção composicional, mais relacionado à formação de gêneros do discurso. Mudanças discursivas relevantes são observadas.

LIDANDO E FAZENDO SENTIDO COM INFORMAÇÕES CONTRASTANTES: O CASO DA PENA DE MORTE E DO LOBO MAU E OS TRÊS PORQUINHOS (R 11/3)

Clara Maria Melo dos Santos (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

A avaliação de posições alternativas é referida, na literatura, como pré-requisito para o pensamento crítico e para a construção de bons argumentos, e, ocasionalmente, leva à mudança de crenças e perspectivas. Uma revisão de crenças requer que o indivíduo encontre maneiras de lidar com informações contrastantes e integrá-las em seu discurso, e o desenvolvimento dessa habilidade é de grande relevância para propósitos educacionais, bem como para se lidar com a natureza paradoxal de várias questões da vida cotidiana. O presente trabalho apresenta dados de estudos anteriores com o objetivo de apontar algumas tendências gerais sobre o efeito que o contato com informações contrastantes pode ter sobre as crenças/opiniões dos indivíduos e como eles integram essas informações a seus discursos. O primeiro estudo foi realizado com estudantes universitários fortemente contrários à pena de morte, debatendo o tema com um oponente previamente treinado para atuar como *advogado do diabo*,

cuja principal função era questionar as justificativas que os estudantes apresentavam para suas opiniões; o segundo estudo foi conduzido com crianças de 5 a 7 anos de idade familiarizadas com a estória *Os três porquinhos*, às quais era contada uma versão alternativa apresentando o ponto de vista do lobo e questionando seu mau caráter e às quais se pedia que apresentassem e justificassem suas opiniões sobre o lobo nas duas versões da história. Entre algumas tendências gerais observadas, notou-se que: (1) o confronto com posições alternativas contribui para uma melhor elaboração da opinião do indivíduo, mesmo que isso não implique mudanças de posições; e (2) as estratégias utilizadas para se *fazer sentido* com as informações que se tem e com aquelas com as quais se é confrontado leva, muitas vezes, a suspeitar-se de uma *estrutura dedutiva subjacente* ao pensamento e/ou à linguagem dos indivíduos, indicando uma busca de *validade lógica*, e não, apenas, de *validade semântica*, na exposição de suas opiniões.

AS INVESTIGAÇÕES PSICOLÓGICAS SOBRE A CAUSALIDADE INFANTIL: O QUE ESTÁ EM JOGO?

(R 11/4)

Dominique Colinvaux (Universidade Federal Fluminense)

Desde o estudo pioneiro de Piaget sobre a causalidade física na criança pequena, publicado em 1927, já se foram quase 80 anos de pesquisas sobre a cognição infantil, e novas perspectivas tem-se delineado. Dois resultados marcantes se destacam: por um lado, a pesquisa tem evidenciado a precocidade das competências de crianças pequenas (e, até mesmo, de bebês); por outro, ela tem permitido especificar diversas modalidades do funcionamento mental infantil, incluindo desde estratégias de resolução de problemas até explicações causais ou, ainda, competências lingüísticas e argumentativas. É nesse contexto que o presente trabalho visa mapear e discutir os estudos atuais sobre a causalidade infantil, definida como *raciocínio causal* (*causal reasoning*, na literatura de língua inglesa), ou ainda, como *explicações causais* (*explications causales*, na perspectiva piagetiana). Num primeiro momento, descrevemos os principais achados obtidos por esses estudos, o que nos permitirá evidenciar diferentes concepções/definições de causalidade. A esse respeito, é relevante discutir as implicações, para uma caracterização das competências cognitivas infantis, da tendência em abordar a explicação causal como sinônimo do pensamento científico, o que implica em tomar a ciência (ou melhor, uma determinada visão de ciência) como parâmetro principal para definir e investigar as explicações infantis. Num segundo momento, abordamos a causalidade infantil como modalidade específica de funcionamento cognitivo e, portanto, como uma ferramenta entre várias de construção/constituição de conhecimentos, numa perspectiva em que a causalidade seria uma modalidade de conhecimento acerca de relações entre objetos (em oposição a suas propriedades), abrangendo, ainda, processos e eventos que se desenrolam no tempo. Nossa intenção é buscar caminhos de aproximação e diálogo entre os estudos aqui retratados sobre causalidade/explicação, de base marcadamente cognitiva, e os estudos sobre argumentação relacionados às competências lingüísticas da criança pequena, apresentados pelo GT *Argumentação e explicação: modos de construção/constituição de conhecimento*. (CNPq)

A RESPEITO DA POSSIBILIDADE (OU NÃO) DE SE DISTINGUIR EXPLICAÇÃO E ARGUMENTAÇÃO: EXEMPLOS DE SITUAÇÕES EM SALA DE AULA (R 11/5)

Lucl Banks-Lelte (Universidade Estadual de Campinas)

O interesse em desenvolver um trabalho sobre a explicação nasceu de um estudo anterior sobre a argumentação em crianças de pré-escola e da necessidade de distinguir argumentação e explicação. No quadro do trabalho, aderimos a uma concepção que leva em conta os seguintes aspectos/características da *explicação*: (a) ela é estudada como fato discursivo numa perspectiva não-normativa; (b) trata-se de uma relação discursiva entre *explanandum* (o que deve ser explicado) e *explanans* (o que explica); (c) leva-se em conta uma dimensão dialógica. Pode-se, ainda, acrescentar o fato de que a explicação surge no discurso para "preencher uma lacuna" ocasionada por uma ruptura ou problema a ser resolvido. No que diz respeito à distinção entre argumentação e explicação, veremos, nos exemplos de salas de aula de pré-escola e 5.ª série, que as dificuldades em distingui-las provém, de um lado, do fato de alguns conectores das línguas naturais — em especial, o *por que/porque* — surgirem nos dois tipos de discursos e, de outro, a problemas ligados à própria seleção de critérios usados para se proceder a

tal distinção e que levantam questões mais gerais relativas à concepção de língua(gem) e seu papel na constituição desses discursos e da relação entre cognição e linguagem. (CAPES)

INTERAÇÃO, ARGUMENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO (R 11/6)

Marla de Fátima Vilar de Melo (Universidade Católica de Pernambuco)

Este estudo visa investigar a interação, argumentação e construção em aulas da escola fundamental que emprega o modelo construtivista de ensino-aprendizagem. A visão de argumentação adotada se baseia, sobremaneira, nos estudos desenvolvidos por Grize e colaboradores, sobre a lógica natural e é concebida como atividade social e discursiva, que envolve o emprego do raciocínio cotidiano. Os dados foram coletados através de observações não-diretivas realizadas em sala de aula de uma escola que utiliza o modelo construtivista de ensino-aprendizagem e outra que adota o modelo tradicional. As aulas observadas foram: Matemática, para a alfabetização, Português, para a 1.ª série e História, para a 2.ª série. As aulas foram gravadas e transcritas de acordo com o modelo elaborado por Marcuschi. O procedimento para a análise dos dados foi dividido nas seguintes etapas: (a) verificação da alternância de turno; (b) a forma como essa alternância se realiza, i. e., se o turno foi concedido ou arrebatado; (c) a função dos enunciados emitidos em cada turno: perguntar, responder, desenvolver um ponto de vista, polemizar, contra-argumentar; (d) a posição do professor e dos alunos frente aos argumentos colocados pelos interlocutores: se considera ou não considera e, considerando, se aceita ou rejeita. Encontrou-se uma maior alternância de turnos na alfabetização do que em outras séries, com predomínio na escola construtivista; a quase totalidade dos turnos foi concedida, sendo os alunos responsáveis pela grande maioria dos turnos arrebatados. Quanto à função dos enunciados, é, sobretudo, o professor que emite argumentos cuja função é argumentativa. Em relação à posição frente ao argumento do parceiro, a rejeição (contra-argumento) é menos freqüente.

OS PROCESSOS ARGUMENTATIVOS COMO RECURSOS TERAPÊUTICOS NO TRATAMENTO FONOAUDIOLÓGICO (R 11/7)

Patrícia Pupin Mandrá (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara)

Este trabalho tem por objetivo investigar e refletir sobre a construção da linguagem no processo terapêutico de crianças com retardo de linguagem, enfocando, especificamente, o uso da argumentação. Esse processo se baseia numa teoria constitutiva da linguagem em que o terapeuta desempenha o papel de operador do diálogo no discurso, num *jogo* de perguntas e respostas em que lança mão dos processos argumentativos presentes no desenvolvimento da linguagem infantil. A postura do terapeuta determina as estratégias lingüísticas utilizadas, trabalhando a construção e (re)construção da linguagem. A partir da pluralidade das situações, a criança se constitui como interlocutor, incorporando o argumento do outro, deslocando-o de sua situação de uso, podendo negociá-lo ou (re)negociá-lo. Durante o processo de construção da linguagem pela criança, pode-se perceber negociações de sentido, explícitas e implícitas, entre o adulto e a criança, possibilitando ajustes cognitivos e semânticos através de interações discursivas. A partir do uso da linguagem em interações dialógicas, nasce a argumentação. Parte dos argumentos do outro são reaplicados em novas situações interacionais, instaurando o processo de recontextualização. Nessa prática, são organizados e (re)organizados em subsistemas os elementos lingüísticos e não-lingüísticos da experiência da criança. Essa concepção teórica de linguagem vem ao encontro da concepção de clínica adotada neste trabalho, que busca a singularização do sujeito e, conseqüentemente, da prática terapêutica. (Unicap)

SOBRE O CONCEITO DE ENUNCIADO; DAS (IM)POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO ENTRE FOUCAULT E BAKHTIN (R 11/8)

Regina Maria de Souza (Universidade Estadual de Campinas)

Apesar das profundas diferenças epistemológicas que marcam os sistemas de idéias de Foucault e Bakhtin, ambos têm oferecido valiosas contribuições às mais distintas áreas de estudo da linguagem. Bakhtin teve o mérito de, no início do século passado, apontar a alteridade como elemento constitutivo da linguagem (o *acontecimento dialógico* como momento inaugural de qualquer língua), seus efeitos e marcas no enunciado (*polissemia e polifonia*) e o caráter histórico e social da língua (sua mobilidade e deslocamento permanentes). Cerca de 40 anos depois, Foucault, considerando, também, o discurso como *acontecimento* e, portanto como fenômeno historicamente determinado, introduz, em *Arqueologia*, dois conceitos dos quais a AD haveria de se apropriar, quais sejam: o de *formação discursiva* (conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regras de formação) e o de *dispersão* (como lugar "onde se forma ou se deforma, onde aparece e se apaga uma pluralidade emaranhada — ao mesmo tempo superposta e lacunar — de objetos"). Entretanto, quer se entenda a linguagem como *diálogo*, quer se apontem as *regularidades e dispersões* de um determinado *acontecimento* discursivo, ambos se viram convocados a retomar à noção de *enunciado* — elemento necessário a partir do qual os conceitos propostos por eles pretendiam se aplicar. Partindo desse fato, a presente reflexão tem como objetivo discutir como, em *Arqueologia do saber*, de Foucault, e em *Estética da criação verbal*, de Bakhtin, o conceito de enunciado é considerado, na tentativa de apontar possibilidades (ou não) de diálogos entre esses dois autores.

O PROCESSO DE ARGUMENTAÇÃO EM CRIANÇAS COM DISTÚRBO DE LINGUAGEM (R 11/9)

Rosana Gomes Buchala (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara)

Ao tentar compreender o processo de aquisição da linguagem, estamos sempre lidando — de forma explícita ou implícita — com a questão das possíveis relações entre o pensamento e a linguagem. Nos termos de Vygotsky, o pensamento sofre muitas mudanças quando se torna linguagem, e é através dela que o pensamento ganha realidade e forma. Não se trata da relação de dois domínios distintos — o cognitivo e o lingüístico — mas de sua mútua constituição. Segundo o autor, a *fala interna* é construída a partir da *fala social* dialógica, quando comportamentos interpessoais se tornam intrapessoais; o caminho é do intersubjetivo para o intra-subjetivo, via internalização, e, quando se trata do entendimento dos distúrbios da linguagem em crianças, essa dupla direcionalidade se torna ainda mais significativa, principalmente, por proporcionar subsídios para o procedimento terapêutico. Este trabalho aborda um dos aspectos do funcionamento da linguagem: o uso da argumentação em crianças com retardo de linguagem. Dessa maneira, torna-se possível visualizar as dimensões lingüísticas, pragmáticas e discursivas do processo de elaboração dos procedimentos argumentativos, tanto na perspectiva inter- quanto na intrapessoal.

ARGUMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO (R 11/10)

Selma Leitão Santos (Universidade Federal de Pernambuco)

A despeito da diversidade teórica e metodológica que se verifica nos estudos contemporâneos da argumentação, algumas idéias parecem dominar a investigação na área. Uma das idéias amplamente aceitas entre teóricos e pesquisadores é a de que a *argumentação* é uma atividade de natureza discursiva e social que se realiza pela justificação de pontos de vista e consideração de objeções e perspectivas contrárias a esses pontos de vista (*negociação*), com o objetivo de tornar as posições defendidas aceitáveis ao interlocutor; enquanto processo de negociação que visa a mudança, a argumentação é vista como recurso privilegiado de construção e transformação do conhecimento. Ao lado dela, uma segunda perspectiva, considerada fundamental à elaboração de uma teoria psicológica da argumentação, enfatiza o papel central da argumentação na definição e elaboração de grande parte do pensamento cotidiano dos indivíduos (seja em deliberações privadas ou em atividades públicas) e, portanto, confere à argumentação um lugar central na teoria do pensamento. Partindo desses pressupostos, o presente trabalho discute desenvolvimentos recentes da agenda de pesquisa que vem sendo desenvolvida pela

autora e cujos objetivos centrais são: (1) desenvolver bases conceituais e metodológicas para a investigação do desenvolvimento do raciocínio argumentativo e da construção de conhecimento na argumentação; (2) desenvolver pesquisa empírica sobre as condições de emergência de novas formas de raciocínio argumentativo e de transformação de conhecimento em contextos sociais diversos: escola, trabalho, conversas informais etc. Com os resultados que gradualmente surgem desse trabalho, pretende-se contribuir para a elaboração de uma perspectiva psicológica que vincule argumentação e desenvolvimento cognitivo, objetivo último do programa de pesquisa que vem sendo desenvolvido. (CNPq)

A CONCEITUALIZAÇÃO DO ATO DE EXPLICAÇÃO NA CRIANÇA (R 11/11)

Sílvia Dinucci Fernandes (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara)

Este trabalho tem a intenção de descrever, analisar e interpretar as especificidades da produção verbal e do trabalho *linguagiero* de três crianças de 5 anos, abordando as diferentes dimensões de elaboração do sentido, de construção da referência e de jogo de unidades discursivas. Foram estabelecidos alguns critérios para a análise detalhada da situação de interação e do tipo de verbalização das crianças, observando-se a maneira como conceitualizam o ato de explicação e utilizam o instrumental lingüístico. Constatou-se que, no que se refere à relação com o mundo exterior, a linguagem delas se situa num quadro perceptivo imediato, pois explicitam, efetivamente, uma grande necessidade de ligar seus discursos à realidade e a sua própria experiência. A linguagem torna-se, assim, motivada, impregnada de intenções e finalidade. As condutas explicativas das crianças revelaram que ainda confundem os gêneros *definição*, *descrição*, *relato* e *explicação*. A *explicação* mais freqüente: a seleção de um detalhe. Para esclarecer ou especificar algo, elas utilizaram, fundamentalmente, dois procedimentos: a descrição da forma/matéria ou a função do objeto, apoiando-se em atributos observáveis e perceptíveis.

A EMERGÊNCIA DA ARGUMENTAÇÃO COMO RECURSO MEDIADOR NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM UMA SALA DE AULA DE HISTÓRIA (R 11/12)

Sylvia de Chiaro Rodrigues e Selma Leitão Santos (Universidade Federal de Pernambuco)

Estudos voltados para o discurso em sala de aula e, mais especificamente, para o efeito da argumentação na construção do conhecimento têm-se tornado foco central da atenção de pesquisadores envolvidos com processos educacionais, e, reconhecendo a importância da argumentação como recurso didático, o objetivo do presente estudo foi investigar sua construção discursiva em sala de aula. Partindo de estudos segundo os quais determinadas ações verbais implementadas pelo professor na sala de aula facilitam a emergência da argumentação, este estudo tem como objetivos: (1) testar a aplicabilidade das informações propostas por esta autora num corpo extenso de dados dentro de um domínio específico: a História; (2) observar a ocorrência dessas ações em grupos que contam com a presença do professor e grupos geridos, autonomamente, pelos alunos; e (3) apontar diferenças e semelhanças entre os dois grupos em relação à emergência da argumentação enquanto ferramenta facilitadora da construção do conhecimento no domínio da História. O estudo foi realizado com dois grupos de discussão da 5.ª série do ensino fundamental: um composto apenas por alunos e o outro, com a presença da professora. Em ambos, discussões sobre conteúdos curriculares de História foram videogravadas, e a análise dos dados levantados focalizou os tipos de ações verbais, tentando descrever sua emergência num grupo mediado pelo professor e num gerido, apenas, pelos alunos. Ao final, procurou-se identificar se a mediação do professor nas discussões interferia na emergência e manutenção da argumentação em sala de aula e em que medida o fazia: os resultados apontam que as ações discursivas facilitadoras da emergência e sustentação da argumentação emergem nos dois grupos, mas ações para aproximar as conclusões dos alunos do conhecimento histórico convencionalizado a ser aprendido dependem, prioritariamente, da mediação da professora. Esses resultados sugerem que, embora a argumentação em ambos os grupos possa permitir a reflexão e construção de sentidos, o processo social de apropriação do conteúdo de História depende, significativamente, da mediação da professora, na medida em que suas ações discursivas conferem estatuto epistêmico ao discurso dos alunos. (CNPq)